

UM ESTUDO SOBRE OS SÍMBOLOS DO CONTO LITERÁRIO “LUAMANDA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Fernanda Sousa Rosa¹ (AC – eu.fernanda.sousa.fs@gmail.com)*, Zilda Dourado Pinheiro¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75862-196, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: este resumo tem como objetivo analisar os símbolos e os traços míticos presentes no conto “Luamanda”, da escritora Conceição Evaristo, sob a perspectiva da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2012). Essa teoria estuda o imaginário como um conjunto de imagens e de suas relações presentes no psiquismo humano. O imaginário é dinamizado pela imaginação, que é definida como uma faculdade de assimilar, de reproduzir e de criar imagens do meio cósmico e social. O imaginário e a imaginação compõem um *Trajetória Antropológica*, denominado por Durand (2012) como um intercâmbio de imagens simbólicas, arquétipos e narrativas míticas que se dá entre o indivíduo e o seu meio biológico, cósmico e social. Em razão disso, o imaginário pode ser estudado em duas perspectivas. A primeira é na perspectiva individual, pois analisa o imaginário de uma pessoa, a partir de seus símbolos, arquétipos, regimes e schémas. A segunda é na perspectiva coletiva, quando se estuda as obras culturais de um grupo social em determinado período de sua história. Nesse contexto, o presente estudo se localiza na perspectiva coletiva, pois estuda o imaginário de um texto literário. O imaginário se manifesta na linguagem verbal por meio de símbolos e arquétipos que, por sua vez, estão materializados nas metáforas. A metodologia utilizada foi a de análise linguística e análise dos símbolos, conforme postula Durand (2012), para descrever e analisar o efeito de sentido das principais metáforas do referido conto literário. Assim, os resultados apontam que os símbolos mais importantes do conto são a lua e o espelho, pertencentes ao regime noturno das imagens do imaginário. Além dos símbolos, a análise demonstrou duas intertextualidades presentes no conto. A primeira é com o poema “Sete faces” de Carlos Drummond de Andrade e a segunda com o poema “Retrato” de Cecília Meireles.

Palavras-chave: Antropologia do Imaginário. Conto Literário. Conceição Evaristo.

Introdução

Humberto Eco (2011) afirma que a Literatura é um bem imaterial que mantém a língua como patrimônio coletivo, criando identidade e comunidade. Por exercer função educativa na sociedade, a Literatura coloca o leitor diante do exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação da obra. Com base nessa perspectiva, o texto literário em análise é o conto “Luamanda”, publicado no livro “Olhos d’água”, da autora brasileira Conceição Evaristo. A história é uma narrativa do reconhecimento e crescimento como mulher, por meio das relações amorosas experienciadas ao longo de cinco décadas de vida da personagem protagonista: a Luamanda.

A narrativa inicia-se com a reflexão de Luamanda, aos cinquenta anos, sobre o amor. Primeiro, a descoberta do amor ainda menina, depois do amor

adolescente,

em sequência o amor de mãe, do amor trágico, do amor de uma mulher por outra, do amor por um homem mais jovem, do amor por um homem mais velho e do amor por si mesma.

Nesse sentido, a Literatura é uma forma de expressão e de representação das experiências humanas. Analisar obras escritas por mulheres negras permite que suas vozes, culturas e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas, combatendo a invisibilidade, a marginalização e o silenciamento que historicamente sofreram na Literatura. O estudo dessas produções contribui também para a desconstrução de estereótipos e de preconceitos, construídos de forma racista e sexista. Ao conhecer as narrativas e as vivências dessas mulheres, é possível questionar as visões simplistas e preconceituosas sobre a feminilidade e sobre a negritude. Ademais, possibilita-se o empoderamento dessas autoras e de todas as mulheres negras, reconhecendo sua importância e contribuição para a Literatura, o que possibilita o empoderamento do leitor negro.

Considerações Metodológicas

De acordo com Durand (2012) a Antropologia do Imaginário é uma abordagem que visa analisar e compreender as representações simbólicas e imaginárias presentes nas culturas humanas. Dentro dessa perspectiva, o imaginário é o conjunto de imagens, de símbolos, de arquétipos e de mitos que constituem a cultura de determinada sociedade, e que exercem a influência sobre a percepção e a compreensão da realidade. O imaginário é biológico, psíquico e social, pois se estabelece com a interação do indivíduo com o que constitui seu ambiente, sendo individual e coletivo, e por meio dele acontece a significação da vida humana. Pode ser definido como um conjunto de imagens e de suas relações presentes no psiquismo humano.

Para Durand (2012), a imagem é a percepção daquilo que é representado, que está ligado ao corpo, especificamente às atividades motoras, ao gesto, à voz, aos cinco sentidos, e à percepção visual. Desse modo, a imagem é uma atividade mental, fisiológica, mantida pelo sujeito. Por tudo isso, a imagem se assenta como o sentido primário para a constituição de acervo mental e repertório para o

imaginário.

É um fenômeno que se manifesta através de representações mentais ou visuais capazes de evocar ideias, emoções ou conceitos. O imaginário é dinamizado pela imaginação, definida por Durand (2012) como uma faculdade de operacionalização das imagens, espaço em que o imaginário se estabelece. A imaginação viabiliza a criatividade e o pensamento, possibilitando a ascensão do imaginário. É uma função cognitiva complexa que envolve a capacidade humana de gerar representações mentais de objetos, de conceitos e de situações que não estão fisicamente presentes no ambiente imediato. Ela desempenha importante função na criação de cenários lúdicos e fictícios, na projeção de possíveis ações e eventos, bem como na formulação de símbolos, de arquétipos e de narrativas míticas que contribuem para a edificação do imaginário coletivo.

Para Durand (2012), os símbolos são elementos que carregam significados profundos e complexos que auxiliam na expressão de concepções, valores e crenças de uma cultura ou sociedade. Eles são utilizados para representar ideias abstratas de maneira concreta. Podem se manifestar como objetos, cores, gestos, palavras, imagens, sendo de suma importância na construção da identidade cultural de um grupo restrito, na transmissão de tradições e na comunicação entre a sociedade. A interpretação dos símbolos pode variar dependendo do contexto cultural em que estão inseridos, revelando aspectos importantes da cosmovisão e das relações sociais de uma determinada comunidade.

Na perspectiva da Antropologia do Imaginário, os arquétipos referem-se a padrões universais e recorrentes de imagens, símbolos e pensamentos presentes no inconsciente coletivo de todas as culturas e sociedades. Esses arquétipos são inatos e atuam como modelos ou moldes que influenciam o comportamento humano, os processos mentais e as percepções individuais. Alguns exemplos de arquétipos comuns são o herói, a mãe, o velho sábio e o monstro, que aparecem em mitos, contos de fadas e na religião ao redor do mundo.

Durand (2012) defende os conceitos de regime noturno e diurno. Para o autor, esses regimes fazem parte das estruturas míticas e imaginárias, pois as imagens simbólicas se organizam de maneira específica, criando diferentes regimes e estruturas do imaginário. Esses regimes representam padrões de significação e percepção que norteiam a compreensão do mundo.

Segundo o autor, o regime diurno estabelece uma divisão em opostos, gerando dualidades e polaridades. As atividades realizadas durante o dia são descritas como uma luta, antítese e manifestação de luz. O regime noturno pode ser definido como um estado de união, harmonia e nutrição. Ele é abordado de forma integradora e holística, sendo considerado um ambiente de recolhimento com potencial para trazer transformações. Dentro desse regime, observam-se os ciclos naturais que têm um início e um fim. O conjunto de símbolos, de arquétipos congregados nos regimes cria uma narrativa mítica, o mito como um discurso simbólico proveniente do imaginário.

Para analisar os regimes do imaginário em uma obra literária é necessário levantar as metáforas mais redundantes do texto. Para tanto, utiliza-se o método da análise linguística para descrever e analisar as metáforas materializadas em substantivos, adjetivo e verbos. Essas metáforas revelam os símbolos que, por sua vez, irão apontar o regime predominante no texto, por meio de uma análise do simbólico manifestado pelo texto.

Resultados e Discussão

O título do conto é “Luamanda”. Essa palavra é formada pela justaposição entre os termos lua (substantivo comum) e manda (verbo transitivo direto). A formação morfológica desse substantivo é o que cria o efeito de sentido metafórico da simbologia com a lua, demonstrando que a personagem segue as ordenanças do astro lunar.

A cada fase da lua- cheia, crescente, nova e minguante- novos acontecimentos surgem na vida da personagem e exigem dela um comportamento. As fases da lua, que inspiram o nome de Luamanda, representam suas variadas vivências amorosas e a mudança contínua que ela experimenta. Da mesma forma que a lua passa por distintas fases, a personagem também atravessa diferentes períodos em sua jornada, cada um iluminado de modo único pelo brilho do amor e da paixão.

Conforme Durand (2012), a lua é simbolicamente associada ao feminino, e é perceptível que essa influência está presente na escolha do nome Luamanda

no conto de Conceição Evaristo. A personagem é frequentemente guiada e influenciada na narrativa, assim como a lua, que exerce encantamento, e é composta de mistérios.

A lua como símbolo representa o princípio passivo, mas fecundo, como se percebe pela noite. A noite também corrobora com o sentido de Luamanda, por trazer as ideias a instabilidade, transição e influência. Essa periodicidade e renovação trazem uma simbologia aos ritmos biológicos.

Além disso, o conto em análise apresenta intertextualidade com duas obras brasileiras. A narrativa mostra diferentes faces de uma mulher, pode-se interpretar essas versões como mulheres distintas, que se encontram numa só, representada pela personagem fazendo alusão ao poema “Sete Faces” de Carlos Drummond. A obra drummondiana conta a trajetória de Carlos em sete estrofes, e Luamanda apresenta “sete faces” de uma mulher, como assinala o narrador no trecho: “[...] Luamanda, a avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo”.

Ademais, o conto cita o poema “Retrato” de Cecília Meireles, num breve momento de reflexão da personagem, que trata sobre a transitoriedade da vida e sugere a busca pelo entendimento da própria transformação e perda de identidade, essa relação é um verificável no conto “Luamanda” por meio do trecho:

“[...] Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher, contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que lhe estava sendo apresentada naquele momento”. (EVARISTO, 2016, p. 63)

A indagação é respondida dentro do texto, como o tempo não passava tão veloz para a aparência de Luamanda, ele se mostrava apenas na forma de aprendizado e conduz à reflexão final: “Podia ser que o amor já não suportasse um tempo de longa espera”.

O espelho no conto também é um símbolo que se realiza por meio da relação com a verdade, com a sabedoria e com a experiência de Luamanda. De acordo com Durand (2012), o espelho é um lunar, pois reflete luz e o que estiver à

sua frente. Ele representa a sucessão de formas, a duração limitada e mutável das fases de uma mulher. No processo de reflexão da luz, o espelho também comporta o aspecto da ilusão no que se reflete, assim como a lua refletida na água durante a noite, que causa a sensação de atravessar o líquido e ocupar espaço internamente, mas está refletida apenas na superfície.

Considerações Finais

O presente trabalho está em fase inicial e, por isso, fez apenas o levantamento do regime do imaginário predominante no conto “Luamanda” da Conceição Evaristo. Desse modo, ao analisar a redundância dos símbolos da lua e do espelho, chegou-se à constatação de que essas imagens simbólicas pertencem ao regime noturno do imaginário. Elas estão relacionadas a um exercício mnemônico de introspecção da personagem protagonista. Assim, a memória traz situações que constroem autoconhecimento e uma profunda segurança de si, principalmente quando a personagem avalia que a passagem do tempo é algo a ser celebrado, pois a maturidade também tem a sua beleza. Por fim, constata-se que o conto traz uma mensagem de valorização do envelhecimento da mulher preta, ao evidenciar a sua beleza, as suas cicatrizes, as suas memórias e os seus amores.

Agradecimentos

Expresso meus agradecimentos à Deus, por permitir experienciar a vida acadêmica e a professora Dr. Zilda Dourado por todo seu empenho, solicitude e contribuição com meu aprendizado. Agradeço também à Pró-Reitoria de Pesquisa da UEG pelo fomento da bolsa de Iniciação Científica.

Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ECO, Umberto. **Sobre algumas funções da literatura**. In: Sobre a literatura. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Luamanda**. In: Olhos d'água. São Paulo: Editora Pallas, 2014.